

Realidade objetiva na terceira meditação de Descartes

Réalité objective dans le troisième méditation chez Descartes

Mauro Cardoso SIMÕES¹
Dilnei G. LORENZI²

Resumo

O objetivo deste texto é problematizar a extensão do universo dentro do qual se possa aceitar a tese cartesiana da Realidade Objetiva das idéias. Procuraremos estabelecer até que ponto ela serve como ponto de partida para determinar os graus da realidade das idéias em geral.

Palavras-chave: ciência, objetividade, idéias, realidade objetiva.

Résumé

L'objectif de ce texte est analyser la prolongation de l'univers dont s'il peut accepter la thèse cartésienne de la réalité objective des idées. Nous rechercherons pour établir jusqu'au point qu'il sert de départ en général pour déterminer les degrés de la réalité des idées.

Mots-clé: science, objectivité, idées, réalité objective.

Descartes inicia a Terceira Meditação, fiel ao seu projeto de edificar uma ciência que seja certa e verdadeira, centrando-se a partir de então, no conteúdo das idéias³. Se tomadas como pensamentos ou modos de pensar, as idéias em nada

diferem, o que não acontece o mesmo, se forem observadas do ponto perspectivo de seu conteúdo. Todas as idéias remetem ao eu que as pensa⁴, porém apresenta à consciência conteúdos diferentes.

⁽¹⁾ Mestre em Filosofia pela PUC-Campinas e Doutorando em Filosofia – UNICAMP. Professor do Curso da Filosofia da Faculdade Pe. João Bagozzi, da Faculdade de Filosofia São Boaventura e Unibrasil.

⁽²⁾ Mestre em Filosofia pela Puc-SP e doutorando em Filosofia – PUC-SP. Coordenador do Curso de Filosofia da Faculdade Pe. João Bagozzi, professor da Faculdade de Filosofia São Boaventura

⁽³⁾ Ver R. Descartes, *Meditationes de Prima Philosophia*, Tertia, In : *Oeuvres de Descartes*, organização de Charles Adam e Paul Tannery (AT), 11 volumes, Paris: Vrin, 1973. Designarei nas notas a abreviação A.T., seguida do volume em algarismos romanos e das páginas e linhas em algarismos arábicos.

⁽⁴⁾ Cf. 3ª Meditação, A.T., VII, 34.18-35.2: "Eu sou uma coisa que pensa, ou seja, que duvida, afirma, nega, conhece pouco, ignora muito, que ama e odeia., que quer, que não quer, também imagina e sente. Pois tal como adverti anteriormente, ainda que as coisas que sinto e que imagino não existam quiçá em absoluto fora de mim (ou em si mesmas), estou seguro de que estes modos de pensar que chamo sentimentos e imaginações, são somente modos de pensar, residem e se encontram certamente em mim". Não havendo indicações em contrário, as traduções constantes do texto são de minha autoria.

Posto que o objetivo é descobrir se as idéias possuem algum valor objetivo, ou seja, se aos objetos das idéias corresponde alguma realidade independente de nosso pensamento, o ponto de partida de nossa investigação não deverá ser outro que uma reflexão em torno dos conteúdos que oferecem a nossa consciência.

Descartes chama a este conteúdo, de Realidade Objetiva, definindo-a do seguinte modo:

Por Realidade Objetiva de uma idéia entendendo a entidade ou o ser da coisa representada na idéia, e no mesmo sentido pode chamar-se de uma perfeição objetiva, um artifício objetivo, etc. Pois tudo o que percebemos que está nos objetos das idéias está também objetivamente nas idéias mesmas⁵.

Apesar da noção de conceito objetivo não ser novo nem original em Descartes, pois o mesmo fora utilizado, por exemplo, por Occam e Suárez, o papel que terá no contexto que agora se apresenta, não é o mesmo.

Descartes crê que pode edificar um novo ponto de apoio requerido para ultrapassar os limites da imanência impostos pelas razões do duvidar da Primeira Meditação. Esta nova função se faz mais palpável se presta atenção ao fato de que a tese da realidade objetiva das idéias se introduz uma continuação da crítica do juízo⁶. Posto que não há de emitir-se nem admitir-se nenhum juízo em torno da realidade previamente a sua justificação, e que esta justificação só poderá intentar-se legitimamente do único âmbito da realidade, o eu pensante, que resistirá à dúvida, então qualquer conclusão a respeito da realidade deverá basear-se nos resultados que se obtenham da investigação acerca dos objetos que se oferecem à consciência tomados estritamente em sua qualidade de objetos da consciência.

O fundamento do conhecimento da verdade e da realidade será, a partir de agora, a certeza e a realidade ideal e objetiva. Se durante mais de dois mil anos se considerou que era a realidade da coisa, geralmente entendida como causa, a que explicava a existência de sua idéia em nós, de agora em diante será precisamente esta crença que se questionará e a que haverá de se justificar de alguma forma. Nasce assim, uma nova disciplina filosófica: a teoria do conhecimento entendida como crítica.

Acreditamos, porém, que não é suficiente traçar a estratégia requerida para determinar o valor objetivo das idéias, nem é suficiente denominar de uma ou outra maneira o conteúdo das idéias, ou inclusive assinalar-lhe um gênero de realidade. É preciso, se pretende ir mais além das certezas e da subjetividade, indagar se as diferenças que se constataam nos diversos conteúdos das idéias são efetivamente indícios adequados e suficientes para decidir acerca da realidade ou verdade de seus respectivos correlatos.

Descartes não parece duvidar de que estes indícios se encontram presentes em nossas representações, que se pode descobrir-lhes, e que são suficientes para decidir acerca do valor objetivo das idéias:

Pois, não há dúvida de que as que mostram substâncias são algo mais e contêm, por assim dizer, mais realidade objetiva, isto é, participam por representação de mais graus de ser ou de perfeição do que as que só representam modos ou acidentes. Por sua vez, aquela pela qual entendendo um certo Deus supremo, eterno, infinito, imutável, onisciente, onipotente, criador de todas as coisas que estão fora dêle, seguramente tem em si mais realidade objetiva do que as idéias pelas quais se mostram as substâncias finitas⁷.

Em síntese, um exame de nossas representações permite descobrir que exibem diferentes realida-

⁽⁵⁾ Cf. *Meditações*, Prefácio, AT., 8.16-25.

⁽⁶⁾ Cf. 3ª Meditação, A.T., VII, 38-1-40.4.

⁽⁷⁾ Cf. 3ª Meditação, A.T., VII, 40.12-20; (utilizamos aqui a precisa tradução do prof. Fausto Castilho, que se pode encontrar no Parágrafo /16).

des e, mais decisivo ainda, que estas diferenças nas realidades objetivas das idéias, guardam invólucros, graus de ser ou realidade.

Para precisar melhor o problema recorreremos aos motivos pelos quais necessita Descartes estabelecer os graus de realidade das idéias. Como acontece com qualquer outra realidade, a objetiva também requer uma causa⁸, e posto que o efeito - neste caso a idéia - não pode conter nem formal nem eminentemente mais do que está contido em sua causa, então se encontrará entre nossas idéias uma ou várias cujas perfeições fossem maiores que as que possuem outras, poderia descartar-se, pelo menos, uma série causal indefinida entre as idéias mesmas. Ademais, fica aberta a possibilidade de encontrar outra ou outras cujo grau de realidade seja tal que sua causa só pode encontrar-se fora da imanência⁹.

Certamente que não há inconveniente em admitir que diferentes idéias se apresentem a nós com diferentes conteúdos - do contrário não seriam diferentes, mas a mesma idéia -. A Realidade Objetiva de uma idéia consiste, então, no conteúdo da representação e, por isso mesmo, é aquilo que permite que uma idéia seja distinta da outra¹⁰. Pode-se também admitir que estas diferenças involucrem diferentes realidades objetivas, posto que com ele só assinamos um nome a constatação inicial. Porém, já não resulta tão óbvio que umas idéias tenham *mais* ou *menos* realidade objetiva que outras pelo mero fato de que tenham *diferente* realidade objetiva.

A diferença em questão não implica e não autoriza, ao menos até que não se definam as condições que lho permitam, indicar ao objeto de uma idéia um grau de realidade, e muito menos um grau ou quantidade específica de realidade. Evidentemente que até que estas condições não se estabeleçam,

tampouco poderá fazer-se uso do princípio de causalidade na forma como pretende Descartes.

Cabe destacar aqui, o que Descartes compreende e que privilegia na Terceira Meditação, o ato de representar. Descartes acredita que este, entre outros atos do pensamento, é fundamental para compreendermos a Realidade Objetiva, dado que o ato do pensamento de representar reenvia a algo possível fora do intelecto, sendo distinto dele. A Realidade Objetiva da idéia está então ligada ao ato de representar que tem a função de voltar-se para algo fora dela mesma.

Toda representação é representação de algo de tal forma que toda representação tem uma relação essencial com um objeto particular possível, com algo possível determinado como distinto da substância pensante. E no caso da idéia de Deus, por ser um caso limite, a Realidade Objetiva tem o máximo de atributos distintos já que determina algo com atributos infinitos, sendo por isso mesmo, distinta da substância pensante, e ao se distinguir totalmente da substância pensante, a Realidade Objetiva da idéia de Deus é algo que existe *necessariamente* fora da substância pensante. Assim, a Realidade Objetiva de qualquer idéia é condicionada a princípio pela substância pensante, com exceção da idéia limite de Deus, que é um objeto externo *necessário*.

Descartes chama então de Realidade Objetiva aquilo que é o aspecto essencial do ato de representar, ou seja, a determinação de algo como distinto e, por isso, fora da mente. No entanto essa realidade não é "em si", mas é sim, uma realidade enquanto visada. Assim, a Realidade Objetiva de uma idéia consiste na determinação de um objeto externo possível (no caso da idéia de Deus, não é um objeto externo possível, mas necessário) através da sua distinção com relação à substância pensante.

⁽⁸⁾ Ibid., A.T., VII, 40.21-26.

⁽⁹⁾ Ibid., A.T., VII, 41.20-29.

⁽¹⁰⁾ Cf. 3ª Meditação, A.T., VII, 40.10-19, onde se lê: "...caso essas idéias sejam tomadas somente na medida em que são certas formas de pensar, não reconheço entre elas nenhuma diferença ou desigualdade...mas, considerando-as como imagens, dentre as quais algumas representam uma coisa e as outras uma outra, é evidente que elas são bastante diferentes entre si. Pois, com efeito, aquelas que me representam substâncias são, sem dúvida, algo mais e contêm em si, por assim dizer, mais realidade objetiva". Isto equivale a afirmar que o seu conteúdo é determinado mais forte e de modo mais distinto com relação à substância pensante por causa da determinação mais clara e mais distinta dos atributos daquilo que é determinado.

